



[Recensão a] Umbelino, Luís António & Vieira, Nuno Sousa. Memórias do corpo, tentação do espaço.

Autor(es): Lima, Antônio Balbino Marçal

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/42855>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0872-0851_50_10

Accessed : 19-Apr-2024 20:08:12

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 25 - número 50 - outubro 2016

vol. 25 - número 50 - outubro 2016

Fundação Eng. António de Almeida



Assim, ao adotar a postura kantiana, Marques concebe o homem como um ser dotado de uma paradoxal complexidade, uma “sociável insociabilidade”. Tendo por natureza, a tendência de competir; sendo fundamental a compreensão do que ele chama de “experiência dual normal” da vida ética, momento onde é possível estabelecermos uma diferenciação entre o bem e o mal. O ideal da existência de um *bem* continua a se perpetuar de forma contundente, ainda que de facto não o exerçamos.

Nesta recensão, busquei clarificar o caminho percorrido por António Marques em sua obra visando evidenciar os aspectos mais salientes do livro, na tentativa de proporcionar ao leitor uma excelente legibilidade da obra. O autor desenvolve suas argumentações de forma muito clara, contudo apesar de a obra suscitar questões pertinentes e inquietantes acerca do mal (tema do conhecimento e interesse de muitos) é direcionado ao público que já tem uma leitura de Arendt, especialmente do livro *Eichmann em Jerusalém*, exatamente por se tratar de um conjunto de reflexões acerca da obra.

Marcela da Silva Uchôa

Umbelino, Luís António & Vieira, Nuno Sousa. *Memórias do corpo, tentação do espaço*. Coimbra: Círculo das Artes Plásticas de Coimbra, 2015, 106 pp.

Falar de um texto, analisá-lo ou descrevê-lo, nunca terá o mesmo peso do que lê-lo. Ainda mais um texto que fala da *memória* e do *espaço*. Que tem profundidade e discute *dimensionalidades, movimento, entrelaçamento*. O livro do professor Luís Umbelino e do artista plástico Nuno Sousa Vieira constitui-se no segundo volume da Coleção Círculo de Ideias – Textos Teóricos do Laboratório de Investigação do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra. Como se vê pela “profissão” dos autores, o primeiro professor do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras, de Coimbra, e o segundo, um artista plástico, é um diálogo amigável acerca do espaço e do “lado espacial da memória”, a partir do ponto de vista filosófico e do labor artístico. Como se pode observar na leitura do texto e na leitura das imagens, as duas propostas não se ilustram, nem se parafraseiam, nem se misturam, mas “encontram-se de longe em longe e, no entanto, *entendem-se* por mediação de uma realidade cujo sentido buscam em conjunto: o próprio espaço” (p. 8). O texto, permeado pelo estilo literário, mas ao mesmo tempo guiado pelo rigor filosófico, a disciplina de um investigador, a precisão e o *estilo* acadêmico, procura discutir algumas teses a partir de um horizonte secundário para a tradição fenomenológica: “a primazia do espaço em relação ao tempo” (p. 7). A memória espacial antecede a temporal. E tal discussão se dá através de dois vieses, o hermenêutico e o “ontotopológico”.

Apesar da concisão, o texto é preciso. Os conceitos precisos de filósofos como Bachelard (*la poétique de l'espace*), Husserl (*Leib e Körper*), Bergson (*memória hábito e memória recordação*), Merleau-Ponty (*a espacialidade corporal, o hábito e a reflexão sobre o Ser Bruto*) e Ricoeur (*mémoire, temps, récit*) são evocados, sem precisar de explicação, para tecer a argumentação. Ao observar a ordem dos conceitos, é possível perceber o movimento do texto, que pode assim ser esquematizado: 1) parte-se de uma *fenomenologia do espaço vivido*, e aqui o ponto de partida é Husserl, mas tem como fulcro a *Phénoménologie de la perception* do fenomenólogo francês Maurice Merleau-Ponty; 2) num segundo momento é a *hermenêutica do espaço construído* que terá lugar, em que o tema do livro, o lado espacial da memória, encontrar-se-á com *La mémoire collective* e *Architecture et narrativité*, de Paul Ricoeur e 3) o tema é a *ontologia do espaço-fantasma*, onde os autores retornam a Merleau-Ponty, ao último Merleau-Ponty, onde os conceitos de *carne, Ser Bruto, quiasmo* servirão de fundamento para lançar bases em direção à uma *espaciologia*.

O ponto de partida para a discussão é um trecho do livro de Paul Auster, *Sunset Park*, em que a personagem “fotografava e compilava num arquivo” os objetos pessoais deixados para trás de pessoas que tiveram de abandonar seus imóveis, “como se os objetos manipulados e os espaços habitados preservassem algo da presença de quem os usou, como se guardassem e mantivessem coeso o que o tempo ameaça dispersar” (p. 11). A partir desta situação, os autores lançam as questões cruciais que nortearão as teses do livro. E as respostas começam a aparecer já no capítulo 1, *A fenomenologia do espaço vivido*, quando uma das principais teses do livro é lançada, a saber, que as memórias não são formadas “por recordações de nós próprios, mas de nós próprios *em algum lugar*” (p. 12). A partir daí, recorrer a uma *fenomenologia do lugar*, distinguir “espaço objetivo” e “espaço vivido” torna-se necessário para a afirmação de que a recordação está ligada a lugares determinados, “como que uma soldadura sem folhas” (p. 13). E esta *fenomenologia do lugar* será ainda mais considerada quando pensada a partir do corpo (o corpo vivido, o corpo incarnado, tematizado por Husserl e Merleau-Ponty): “o corpo vivido permite-nos instalar activamente num mundo envolvente e sempre presente, devendo reconhecer-se como elemento constitutivo da própria espacialidade desse mundo” (p. 20). Aqui, diríamos, está a base do capítulo 1 que, como dissemos, encontra em Merleau-Ponty, através das análises da *espacialidade corporal* e a noção de *hábito*, um interlocutor. Após breves e claras intervenções sobre estes dois conceitos fundamentais da *Phénoménologie de la perception*, apanha-se o que interessa para a argumentação: “[...] recorda-se um passado espacial e não apenas temporal, porque o que guarda a unidade do vivido é, justamente, o saber prático sedimentado de um *aqui de situação* pelo qual o corpo se expande para anexar – para incorporar – o que o toca e o interpela, o que o *activa* e prolonga” (p. 30). E conclui este capítulo com algumas palavras de Merleau-Ponty que talvez expliquem a intriga da personagem de Paul

Auster, de querer saber se os objetos abandonados poderiam segurar os fantasmas de quem partiu: “não temos apenas um mundo físico [...]. Cada um desses objetos traz implicitamente a marca da acção humana para a qual serve” (p. 34).

O capítulo 2, intitulado *Hermenêutica do espaço construído*, a investigação sobre o “lado espacial” da memória, evoca-se a memória da hermenêutica de Paul Ricoeur para discutir a relação entre *espaço* e *memória*. Mais uma vez, de forma concisa, mas rigorosa, conceitos da hermenêutica ricoeriana são evocados para a discussão da temática com precisão. A relação entre arquitetura e narrativa, entre o tempo narrado e o espaço construído tratada nos tópicos 1 (O espaço propriamente humano) e 2 (Livros de pedra) leva-nos para além do “paralelismo estrito”, leva-nos ao entrecruzamento entre arquitetura e narrativa. O ponto 3 (Materialidade, memória e história), ao tomar como exemplos o campo de Auschwitz, que para além de um cemitério ou um lugar turístico, “é um lugar onde a memória pode ter lugar” (p. 54) e o *Ground Zero*, projeto onde estão inscritos os nomes das vítimas do 11 de setembro, a tese defendida é a de que o espaço pode “sustentar a memória imperfeita ao oferecer-lhe recursos críticos cruciais para lutar contra a amnésia histórica e cultural” (p. 56).

Os dois capítulos primeiros do livro operam, metodologicamente, em forma de ruptura e sutura entre conhecimentos. Primeiro, toma como eixo principal a tese do tempo como “reencenação de incorporações práticas tacitamente vividas” (p.59); segundo, a ruptura e a sutura se dão entre uma fenomenologia do lugar e uma hermenêutica do espaço habitado. No terceiro capítulo um “novo ponto de ruptura e sutura se deve, então, interrogar: já não apenas entre espaço vivido e espaço construído, mas porventura entre espaço vivido, espaço construído e um espaço *selvagem* ou essencialmente estranho, inquietante e perturbador” (p. 59). Merece especial atenção o capítulo 3, *Ontologia do espaço-fantasma (ideias diretrizes para uma espaciologia)*, tanto pela profundidade quanto pela oferta de um caminho ou caminhos para se pensar. Aqui, três hipóteses são lançadas: 1 parte-se do seguinte exemplo: ao andar pelas ruas de uma cidade e diante de um terreno abandonado, poder articular “a recordação dos seus usos anteriores, do que já esteve lá construído..., o fato de que o espaço pode nos fazer recordar de algo que não chega a ser expressamente reconhecido, ou seja, “os *fantasmas* presos aos objetos podem segurar memórias que não se conciliam com o que desses objetos e dos seus usos sempre percebemos cognitivamente” (p. 62). Ou explicando teoricamente tal afirmação: “a memória guardada pelos espaços humanos pode comportar dimensões que não acompanham exigências da consciência e da articulação narrativa do tempo humano, por mergulharem mais profundamente no corpo pré-pessoal...” (p. 62). 2 O exemplo do retorno à casa após um longo período fora: “o que primeiro surpreende neste regresso a um lugar que diríamos familiar por excelência – a *nossa casa* – é o facto de, no momento de abrir a porta e entrar, a casa parecer diferente” (p. 62). Para meditar sobre a “memória selvagem”, os autores buscam a interpretação de Merleau-Ponty sobre a pintura de Cézanne. Como se sabe é em *Le doute de Cézanne* que Merleau-Ponty debruça-se sobre a

pintura de Paul Cézanne e, a partir dela, apresenta reflexões sobre a questão da visão e do visível, ou seja, da aparência e do ser. E, por meio de seus esquemas conceituais, apresenta um discurso contributivo para o aprofundamento reflexivo sobre a arte e, sobretudo, para uma melhor compreensão da Fenomenologia da percepção. E “o exemplo ‘fenomenológico’ do pintor confirma, de facto, algo de essencial: que percebemos as coisas, que nos entendemos a respeito delas, que estamos enraizados nelas e que, portanto, as *possuímos* na exacta medida em que somos desde sempre possuídos pelo modo como tais coisas do mundo fazem jogar em nós (por vezes anonimamente) o tecido de um espaço organizado em profundidade – cruzado – portanto, de visibilidades e invisibilidades” (p. 67). 3 Esboço espaciológico: loucura da visão, simulacros errante e espectros é o terceiro e último tópico. Nele, os autores penetram com elegância em alguns conceitos do ensaio *L’oeil et l’espirit*, onde a interrogação filosófica como recomeço radical implica o abandono dos dualismos cartesianos, em que os “simulacros errantes” (a expressão é de Merleau-Ponty) que Descartes tentou exorcizar são recuperados, “são, na verdade, emblema da estrutura transcendental que funda a pertença e a incrustação do olhar corpóreo ao que espacialmente rodeia, embarga e excede” (p. 74). Mas é em *Le visible et l’invisible*, especialmente na ideia de *Ser*, que o texto encontra profundidade, o que nas poucas páginas são insuficientes para o tamanho do empreendimento. Esse “Ser cuja cifra secreta é o espaço, ou o tecido endoespacial de que nos fala Merleau-Ponty, sublinhe-se uma vez mais, não é uma pura presença definível por identificação a si própria e com a qual o corpo vidente poderia coincidir numa espécie de monismo” (p. 78). Enfim, em poucos parágrafos, o texto se encaminha para a afirmação de que a proposta de Merleau-Ponty sobre o espaço num projeto que poderia designar “*ontopológico*: projecto ontológico que é, em rigor, uma *espaciologia* do *sensível de situação*, de generalidade, dinamismo e coesão” (p. 83).

Uma nota sobre “uma nota final”: o último parágrafo, além de afirmar o reconhecimento da provisoriedade da meditação sobre a *espaciologia* merleau-pontyana, apresenta um repertório de temas (conceitos) topológicos a serem trilhados, quais sejam, *profundidade*, *dimensão*, *envolvimento*, *movimento*, *justaposição*, *fronteira*, *entrelaçamento*, *lateralidade*, *vizinhança*, *entre dois*, *verso e reverso*, *presença e ausência*. Um verdadeiro convite visitação a alguns textos primorosos de Merleau-Ponty como *L’oeil et l’espirit*, *Le visible et l’invisible* e *La nature*.

O livro é curto, mas a escrita acerta o alvo em cheio: sua leitura faz pensar, faz querer investigar ainda mais, seja pelas suas teses, seja pelas sendas abertas... O opúsculo é um verdadeiro exercício de fenomenologia-hermenêutica. Isto mesmo, somente o estudo dos fenômenos não dá conta, é preciso recorrer a uma interpretação. É um livro pequeno, mas desafiador, seja pelas suas teses, seja pelo rigor da escrita poética, embora rigoroso.

Antônio Balbino Marçal Lima